

Regresso. Há sete anos que não tocava em público, dedicado exclusivamente à composição na área da música contemporânea, e há 12 que não editava na área que o celebrizou. Fechou-se cinco dias no CCB com um piano e saiu de lá com dois discos duplos. Um “testamento” dos vinte anos que rondaram o jazz

Pinho Vargas volta a solo ao “jazz ou lá o que isto é”

‘Solo’ marca o nascimento de uma nova editora

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

Diz de si mesmo que tem tendência para “ir sempre por meios caminhos ou heterodoxias esquisitas: sou um compositor contemporâneo, mas o que faço é pós-moderno; sou músico de jazz, mas o que faço não é bem jazz.” Mas acredita que esse itinerário definido em coordenadas de latitude incerta o conduziu a um lugar pessoal e único no contexto da música portuguesa. António Pinho Vargas esteve sete anos sem tocar em público, dedicado exclusivamente à composição dita erudita, e 12 sem editar qualquer registo nessa outra música que lhe deu maior visibilidade até meados da década de 90 e a que se refere como “jazz ou lá o que isto é.” Agora, decidiu voltar atrás e refazer velhos caminhos com novas intenções. Fechou-se cinco dias no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém a sós com um piano e registou duas horas e 45 minutos a solo. São 36 temas, apenas quatro dos quais inéditos, que serão guardados em dois discos duplos. O primeiro volume é editado amanhã e sela o nascimento de uma nova editora.

O duplo álbum *Solo* é a primeira edição da David Ferreira Investidas Editoriais, etiqueta criada pelo profissional que lhe dá nome, o antigo director da EMI em Portugal que assim regressa ao activo meses depois do afastamento da casa a que esteve ligado desde finais dos anos 70. Com ele, António Pinho Vargas regressa também às edições nesta área do “jazz ou lá o que isto é”, recuperando as composições que começou a gravar mais ou menos pela mesma altura em que David Ferreira começou a editar e que espalhou em seis discos. O último foi *A Luz e a Escuridão*, de 1996, e desde então o pianista e compositor não mais aqui voltou, excepto na colectânea *As Mãos*, lançada dois anos depois. Até agora.

“Gravar um disco de piano solo era uma ideia antiga”, explica Pinho Vargas. “Queria rever tudo aquilo que compus no período do jazz e

perfil

ANTÓNIO PINHO VARGAS

- Nasceu em Vila Nova de Gaia em 1951
- Licenciado em História, diplomou-se em Composição
- Foi programador em Serralves e no CCB

Num acrescento à *História da Música Portuguesa*, é descrito com o introdutor do pós-modernismo em Portugal. Aceita a etiqueta, mas acha que apenas é distinguido de outros pelo esforço de reflexão e teorização que sempre acompanhou a sua música. Começou no *free jazz* em finais de 70, passou pelo jazz mais clássico. A partir de 1990, aproximou-se da música contemporânea e por aí ficou. Estudou com John Cage e Louis Andriessen na Holanda, György Ligeti na Hungria e Franco Donatoni em Itália. Enquanto conclui o doutoramento, regressa aos terrenos do jazz. Mas está só de passagem.

que me parecia adequado a a versões neste formato. Pensei que podia apresentar uma perspectiva diferente das músicas antigas e deixar uma espécie de testamento do meu trabalho nesse período... talvez seja ainda cedo para falar em testamentos”, ri-se,

“mas julgo que o meu afastamento desta área o justifica.” A área, a tal que parte do jazz mas que dificilmente se esgota nos seus limites, é a que Pinho Vargas

habitou a partir de 1976 e nos vinte anos seguintes, e onde inscreveu temas de rara felicidade no encontro com um público alargado, como os notáveis *Tom Waits* ou *Dança dos*

Pássaros. Jóias de um testamento enriquecido com versões alternativas e acrescentos improvisados, prelúdios, poslúdios, fugatos e variações de tempos sobre as mesmas composições.

A tudo isto António Pinho Vargas escolheu chamar *Imperfeições*, subtítulo para cada um dos dois discos. “O que eu pretendo sublinhar com isso é o carácter contingente de uma interpretação”, justifica. “Mes-

mo as minhas peças escritas, que aparentemente estão fixadas para todo o sempre, descobrem novas nuances a cada vez que são interpretadas, contingências daquele momento. Se isto é verdade para música de partitura, é ainda mais para música que, como esta, tinha na sua origem uma forte componente de improvisação.” A improvisação que, garante o pianista, permanece lá, mesmo que nem sempre seja evidente. “Para o crítico ou o ouvinte de jazz, o que se ouve aqui começa logo por não ser jazz precisamente porque a improvisação não segue o formato tradicional dessa música, de apresentar um tema e depois fazer variações sobre essa estrutura de acordes”, explica. Muito do que toca aqui parece escrito mas a sua origem é de facto improvisada. E não é evidente.” ■

A meio caminho de um doutoramento

O título é “**A Ausência da Música Portuguesa no Contexto Europeu**”.

Entre a Universidade de Dourhan, na Holanda, e Portugal, Pinho Vargas vai levando um pouco mais longe esse esforço académico de teorização da música que faz e da cultura em que se

insere, que já lhe valeu ouvir dizer dele que era **demasiado intelectual para o jazz**.

“Procuro analisar os discursos produzidos sobre essa questão, o que disse o Lopes Graça, o Alexandre Delgado, os musicólogos, de que forma descrevem a história da música portu-

guesa, de que forma se relacionam com o cânone europeu. Como viram as razões pelas quais a música portuguesa tem uma expressão reduzida.” Um trabalho que o coloca, uma vez mais, num meio caminho, entre as formações como historiador e como músico.

